

# Algumas notas sobre a dimensão positiva da histeria feminina

*Some notes on the positive dimension of female hysteria*

*Algunas notas sobre la dimensión positiva de la histeria femenina*

*Thalita Lacerda Nobre\**

## Resumo

*Este artigo é resultado do trabalho de doutorado que traz a tese de que em alguns casos de histeria, a falicidade, ao se articular à força de Eros, promove uma condição sublimatória, denominada pela pesquisadora como condição de positividade. A fim de aprofundar o entendimento acerca desta questão, utilizou-se como objeto de estudo a estilista francesa Gabrielle “Coco” Chanel, que pode ser reconhecida até os dias atuais como uma das mais criativas estilistas. O estudo traz a compreensão de que na base dos sintomas histéricos está uma tentativa de comunicação ao outro, seja pelo corpo, seja pelos excessos apresentados nessa patologia. A dimensão positiva reside na consideração de que nos casos de histeria em que a fixação da libido na fase fálica se sobrepõe a fixação na fase oral há uma saída pela via da produtividade que lhe permitiria a coincidência do Eu com o ideal do Eu, sendo assim, uma vez que promove reconhecimento social e possibilita o fortalecimento identificador do Eu, os sintomas são enfraquecidos.*

**Palavras-chave:** *Histeria; feminilidade; positividade.*

## Abstract

*This article is the result of the doctoral work that presents the thesis that in some cases of hysteria, the phallicism, when joined to Eros, furthers a sublimatory condition, denominated by the researcher as a condition of positivity. In order to deepen the understanding on this issue, the French designer Gabrielle*

---

\* Doutora em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Docente na Universidade Católica de Santos e Universidade Paulista. E-mail: thalita\_l@yahoo.com.br

*“Coco” Chanel was used as an object of study, as she is still recognized today as one of history’s most creative designers. The study brings the understanding that hysterical symptoms are based on an attempt to communicate with another person, either through body, or through the excesses presented in this pathology. The positive dimension lies in the consideration that in cases of hysteria in which the fixation of the libido in the phallic phase overlaps the fixation in the oral phase there is an exit through the productivity path that would allow the coincidence of the I with the ideal of the Self. Since it fosters social recognition and enables the identification of the Self, the symptoms are weakened.*

**Keywords:** *Hysteria; femininity; positivity.*

## Resumen

*Este artículo es el resultado del trabajo de doctorado que trae la tesis de que, en algunos casos de histeria, la falicidad, al articularse con la fuerza de Eros, promueve una condición sublimatoria, denominada por la investigadora como condición de positividad. A fin de profundizar el entendimiento sobre esta cuestión, se utilizó como objeto de estudio la estilista francesa Gabrielle “Coco” Chanel, que puede ser reconocida hasta los días actuales como una de las más creativas estilistas. Este estudio trae la comprensión de que en la base de los síntomas histéricos está un intento de comunicación al otro, ya sea por el cuerpo, o por los excesos presentados en esa patología. La dimensión positiva reside en la consideración de que en los casos de histeria en que la fijación de la libido en la fase fálica se superpone a la fijación en la fase oral hay una salida por la vía de la productividad que le permitiría la coincidencia del Yo con el ideal del Yo, siendo así, una vez que se promueve el reconocimiento social y se posibilita el fortalecimiento identificador del Yo, los síntomas se debilitan.*

**Palabras clave:** *Histeria; feminidad; positividad.*

## ALGUMAS NOTAS SOBRE A DIMENSÃO POSITIVA DA HISTERIA FEMININA

Este artigo é resultante de uma pesquisa de doutorado em Psicologia clínica, que teve por objetivo lançar um olhar psicanalítico a histeria feminina, utilizando como objeto de estudo a construção da possível história pulsional e identificatória da importante estilista francesa do século XX, Gabrielle Chanel (1883-1971) – obtida a partir de sua biografia, publicada por diferentes autores e retratada por dois cineastas. A tese formulada pela

autora da pesquisa é a seguinte: em alguns casos de histeria, há a tendência de que a força de *Eros* entrelaçada à fixação libidinal fálica promova a sublimação.

O interesse em realizar uma pesquisa com o intuito de discutir sobre a histeria feminina surgiu ao se observar (em consultório particular e também no serviço público), em pacientes portadoras de estrutura neurótica histérica – porém, sem sintomas fóbicos ou conversivos – que algumas delas demonstravam possuir uma insatisfação com a vida em que levavam, porém, eram capazes de constituir uma força impulsionadora que as levava a buscar novas realizações.

Apesar desta característica, percebeu-se que estas pacientes, especificamente, não se deixavam perder em desejos deslocados e fantasiosos, porém construíam ideais que, muitas vezes, causavam descrença nos outros, e os perseguiam até conquistá-los.

Estas realizações estavam, na maior parte das vezes, relacionadas ao grande investimento que tendiam a realizar em atividades – em geral, sublimatórias – que, quando executadas, lhes traziam reconhecimento público e, conseqüentemente, aumento da autoestima.

Neste sentido, foi possível pensar em uma certa dimensão da “normalidade”, já que todos os seres humanos, necessitam do reconhecimento de um outro, desde os primórdios da constituição do psiquismo, para se desenvolverem psicologicamente. Este reconhecimento do outro pode vir como resultado de alguma ação desenvolvida por qualquer um, no sentido de produzir cultura e modificar o meio em que vive.

Porém, o que a pesquisadora acredita diferenciar o movimento destas pacientes a que referiu-se de uma constituição psíquica normal é, em primeiro lugar, a presença de características que sugerem uma certa forma de identificação e da presença do conflito edipiano desenrolado nos registros fálico e oral (Laplanche & Pontalis, 2014, p. 211). E, principalmente, em decorrência do conflito na fase fálica, a existência de uma constante necessidade de sustentação da falicidade, que, muitas vezes, comprometiam outros setores da vida destas mulheres, como por exemplo, as relações afetivas.

Ao observar esta necessidade de sustentação da falicidade, decorrente da fixação na fase fálica (própria a esta patologia), bem como as saídas

encontradas por essas mulheres para encontrar transformação em sua realidade, recorreu-se a Freud e encontrou-se em *O mal estar na civilização* (1930/2010) a interessante postulação de que a tarefa da sublimação: “[...] consiste em deslocar de tal forma as metas dos instintos, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo exterior” (p. 35). E também que, com relação às atividades sublimatórias: “o melhor resultado é obtido quando se consegue elevar suficientemente o ganho de prazer a partir das fontes de trabalho psíquico e intelectual. Então, o destino não pode fazer muito contra o indivíduo” (Freud, 1930/2010, p. 35).

Deste modo, a partir das hipóteses clínicas adicionadas às ideias freudianas, pode-se formular uma hipótese inicial de que quando a libido de fixação fálica encontra-se interligada à força de *Eros*, poderia possibilitar uma saída de satisfação pulsional pela via sublimatória, trazendo assim, reconhecimento público e ganhos no meio externo.

Estas referidas mulheres, em específico, mesmo tendo vivido situações de grande perda e sofrimento, demonstravam um movimento de reversão do sofrimento em impulso para a realização.

Motivada por esta investigação a respeito desta hipótese inicial, recorreu-se a alguns autores que ofereceram contribuições clínicas, como por exemplo, Israël (1995), que entende sobre as histéricas o seguinte: “Independente de quem seja, Mary Baker, Anna O. [...], sempre encontraremos uma mesma fantasia na base de todas essas ‘vocações’. Trata-se de uma fantasia de amor universal” (p. 265).

Entendeu-se que estas ‘vocações’ a que o autor se refere estariam relacionadas ao caráter de devotamento, de luta, de mudança de uma condição atual. Foi por meio também do entendimento deste autor que pode-se pensar em uma “fantasia de amor universal” na histeria, ou seja, algo que fugiria simplesmente dos investimentos voltados a si que lhe permitiria a sustentação da falicidade, mas um movimento estendido aos outros também.

Instigada pela contribuição clínica de Israël (1995), em continuidade ao percurso investigativo, a pesquisadora recorreu à obra freudiana para fundamentar o entendimento a respeito de *Eros* e este impulso transformador.

Freud, em *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011), propõe o uso do vocábulo *Eros* pela psicanálise porque o considera no mesmo sentido de Platão, como força amorosa, idêntica à libido.

Sendo assim, a partir das postulações freudianas, das contribuições clínicas dos autores, bem como a partir da prática como psicanalista, a pesquisadora pode entender que em alguns casos de histeria há algo além da sustentação fálica, mas um direcionamento da libido para algo construtivo, produtivo e transformador.

Em continuidade a investigação, encontrou-se em Alonso e Fuks (2004) uma outra interessante contribuição clínica, que auxiliou na construção do percurso. Estes autores entendem que o desejo histérico carrega consigo um desejo de mudança. Para eles, “a histérica batalha para conseguir o triunfo do amor sobre o ódio e sobre o tédio” (p. 223).

Esta consideração dos autores aprofundou ainda mais as investigações em que pode-se pensar na batalha pelo amor não somente como um representante fálico de suas conquistas, mas como *Eros* triunfando sobre *Thanatos*. Deste modo, a pesquisadora deparou-se com a ideia de que na histeria poderia haver uma tendência da pulsão de vida se sobrepôr à pulsão de morte e esta percepção levou a investigação sobre qual seria a origem da tendência a este triunfo.

Investigando um pouco mais, encontrou-se em Piera Aulagnier (1979) a definição metapsicológica de que *Eros* seria marcado por uma tendência à representação, isto é, desde o início da constituição do psiquismo e para que ele se mantenha em funcionamento, é necessário haver um desejo de prazer. Sendo assim, considerando que *Eros* permite o investimento em uma imagem de prazer e considerando que este prazer pode ser obtido por uma via sexual ou dessexualizada, conforme Freud considera, continuou-se a pesquisa a respeito das saídas possíveis à obtenção do prazer pela via sublimatória.

Seguindo esta linha, encontrou-se em Luis Hornstein (1990, p. 15) uma interessante contribuição, na qual ele entende que o processo sublimatório “[...] não é uma mera expressão do conflito, mas sim um triunfo em oposição aos fracassos renovados do neurótico [...]”; uma vez que os conflitos podem conduzir ao empobrecimento libidinal e narcisista, na

neurose, há a possibilidade do sujeito que é capaz de realizar uma atividade sublimatória “[...] transformar suas necessidades singulares em finalidades originais e a transformar suas fraquezas em forças” (Hornstein, 1990, p. 15).

Deste modo, compreendeu-se que nestas mulheres que instigaram a pesquisa, a transformação de fraquezas em forças era decorrente da atividade sublimatória. Em adição a este raciocínio, encontrou-se em Birman (1999, p. 171) a interessante ideia de que “a sublimação e o erotismo são derivações de Eros, afirmações da vida e maneiras de tornar a existência possível e suportável”. Sendo assim, as hipóteses foram ganhando consistência com a contribuição destes autores e pode-se pensar que na histeria há a possibilidade de saída distinta do conflito, uma saída produtiva, propiciada pela sublimação.

A partir desta linha de raciocínio, encontrou-se uma outra contribuição em Birman onde, em *Cartografias do feminino* (1999, p. 207), escreve que: “[...] existiria uma *positividade* da histeria enquanto suporte de uma possível perenidade do desejo”. Isto significa que, de acordo com este autor, no campo do inconsciente, a histeria traz consigo uma tentativa de realização do desejo que pode ser aparente em seus sintomas ou em suas transformações.

Ainda em *Cartografias do feminino*, Birman (1999, p. 201) define como positividade a possibilidade de superação da falicidade, a desfalicização. Para o autor, a positividade estaria voltada aos processos psíquicos de histericização, que retiraria o sujeito da condição de ser/ter (ou não ser/ter) o falo.

Apesar de compreender que, em alguns casos de neurose, é possível obter a histericização, entende-se que não tenha ocorrido este processo no caso de Chanel. Assim, acredita-se que a dimensão de positividade estaria situada na possibilidade da histérica obter uma saída satisfatória, pela via da sublimação e, uma vez que isso acontece, a formação sintomática fica relegada, chegando até, em alguns casos, a enfraquecer de tal modo que a neurose passa a se situar somente em potencialidade.

É importante, posto isso, compreender o psiquismo como algo dinâmico e, portanto, a mercê de oscilações de referenciais identificatórios. Por esta razão, mais adiante será discutida a questão da cura, que em psicanálise é entendida como uma questão ampla, complexa.

Ao buscar uma biografia que correspondesse às fundamentações clínicas necessárias a este trabalho, a autora deparou-se com os dados biográficos de Gabrielle Bonheur Chanel (conhecida por Coco Chanel) – a brilhante estilista francesa, que obteve destaque na criação e confecção de roupas, acessórios, perfumes e corte de cabelos femininos. Estes dados estão expostos na tese de doutorado, mas é possível citar que os investimentos de Chanel possibilitaram que, com sua sensibilidade e criatividade, auxiliasse na transformação dos comportamentos e das vestimentas femininas, a partir do período histórico-cultural em que se encontravam.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa utilizou-se da análise dos dados biográficos da estilista Coco Chanel, bem como de suas criações, para discutir as questões acerca da positividade na histeria feminina. Acreditou-se ser importante destacar que no campo da psicanálise, o estudo biográfico se justifica, conforme a proposta freudiana de construção psicanalítica recorrendo a situações extramuros<sup>1</sup>, como o fez em *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância* ou em *O Moisés de Michelângelo*, por exemplo.

Na tese, Chanel é apresentada como uma personagem da autora deste estudo, a partir das outras personagens criadas por outros biógrafos, diretores de cinema e um autor de romance. Ela é, ao mesmo tempo, uma mulher diferente em cada criação, com algumas características exacerbadas ou minimizadas e também uma mesma mulher, com alguns pontos referentes a sua história de vida, destacados por todos os autores. Para esta composição utilizou-se de 7 biografias, um romance literário e dois filmes sobre a vida da estilista.

---

1 Termo proposto por Jean Laplanche (1992).

## A HISTERIA E SEUS SINTOMAS

No que tange ao sintoma na histeria feminina, Freud, em *Psicologia das massas e Análise do Eu* (1921/2011), postula a correlação deste com as identificações. Para isso, apresenta uma interessante ilustração, tomando como exemplo uma menina que desenvolve o mesmo sintoma de tosse que sua mãe. Nesta ocasião, o mestre ressalta que há identificação na “escolha” sintomática da filha.

Acerca da estrutura do sintoma histérico e sua relação com as figuras identificatórias, a psicanalista Jacqueline Schaeffer escreve, no verbete *histeria* do *Dicionário internacional da Psicanálise* (2005, p. 881), o seguinte: “a neurose histérica e a relação histérica põem em jogo processos de identificação histérica, de recalçamento incessante, e de contra-investimento em que o outro é utilizado como teatro do conflito a elaborar”. No conflito presente na histeria, o outro está sempre implicado, é o destinatário das demandas identificatórias da histérica.

Por meio de suas contribuições clínicas, Mayer (1989) escreve o seguinte a respeito do sintoma e sua ligação com a identificação: “[...] a identificação é um dos caminhos privilegiados que a estrutura histérica utiliza para cumprir seus desejos inconscientes encobrando-os através dos sonhos, da fantasia ou do sintoma” (p. 44) Deste modo, compreende-se que o sintoma na histeria está relacionado com a falha no recalque do complexo de Édipo, que ocorre ao final da fase fálica.

A medida que ocorre algo que ameaça este conteúdo recalcado, não é possível ao ego mantê-lo afastado, retornando sob a forma de sintoma. Porém, conforme Nasio (1991, p. 28) entende, o mecanismo do recalque constitui uma defesa inadequada aos conteúdos representados que pertencem agora ao id. Para este autor, pelo fato desta representação sexual “[...] ter sido fundamentalmente separada das outras representações organizadas da vida psíquica que ela se torna radicalmente intolerável, e que preserva no seio do eu uma atividade patogênica inextinguível”. Assim, quanto mais esta representação sofre com a ação do recalque, ou seja, quanto mais isolada, mais patogênica se torna.

A fim de explicitar com mais detalhamento o que ocorre, Nasio (1991, p. 28) sintetiza que o conflito histérico consiste em: “[...] uma representação portadora de um excesso de afeto, por um lado, e por outro, uma defesa infeliz – o recalçamento – que torna a representação ainda mais virulenta”. Isto significa que quanto mais o recalçamento incide sobre esta representação sexual intolerável, mais a isola, tornando-a mais perigosa. Esta consideração permite pensar no caminho contrário, isto é, quanto menos uso o ego fizer do recalque, menos perigosa se tornará a representação sexual.

Por isso, Freud reserva uma possibilidade do ego recorrer a uma outra saída para lidar com as exigências de se manter o conteúdo sexual afastado da consciência, porém, sem sufocar as pulsões, permitindo a satisfação por meio da sublimação. Na quinta lição de suas *Cinco lições de psicanálise* (1910/2013, p. 278), Freud observa que existem pessoas que conseguem realizar uma transformação de suas fantasias, não as aprisionando. Ele inicia o raciocínio expondo que o sujeito com energia e vencedor é aquele que, por meio de seus esforços, “consegue transformar em realidade suas fantasias que encerram desejos.” E, uma vez que não consegue seus objetivos, “devido às resistências do mundo externo e à fraqueza da pessoa, ocorre o afastamento da realidade, o indivíduo se retira para um mundo de fantasias mais satisfatório, cujo conteúdo transforma em sintomas, no caso de enfermidade” (Freud, 1910/2013, p. 278).

O sintoma pode ser a operação da fantasia decorrente do desejo, porém, a busca de satisfação deste desejo pode ocorrer por uma outra via, diversa da regressão ao período infantil. De acordo com Freud (1910/2013, p. 279), há pessoas, com dom artístico que, apesar de constituírem um enigma, podem: “[...] converter suas fantasias em obras de arte, em vez de sintomas, assim, escapando ao destino da neurose e reconquistando, por essa via indireta, o vínculo com a realidade”.

A respeito desta transformação possível pela via sublimatória, Hornstein (1990, p. 40) escreve que: “a sublimação é uma formação de compromisso, como todo retorno do recalçado, mas é uma transformação da pulsão em um produto valorizado narcisisticamente e pressupõe o prazer por esta transformação”. Este psicanalista compreende que a pulsão tem a

oportunidade, por esta via, de se satisfazer a partir do valor narcísico que o sujeito lhe atribui. A pulsão, não precisa mais estar recalçada, ela encontra uma outra forma de encontrar o prazer, de modo sublime.

## A DIMENSÃO DE POSITIVIDADE

Antes de tratar sobre a sublimação como saída positiva à histérica, que pode lhe trazer ganhos e cura, a pesquisadora acredita ser necessário explicitar que nesta constituição psicopatológica, em específico, há, segundo alguns autores observam, uma dimensão de batalha em favor da superação dos conflitos.

Acerca desta dimensão de batalha, uma dimensão de positividade da histeria, Alonso e Fuks (2004, p. 223) concordam com as contribuições clínicas de Israël, ao compreenderem que a histérica: “[...] seria, sobretudo, uma defensora do amor num mundo mercantilista, cheio de objetos de consumo e esvaziado de desejo.” E também, há: “[...] uma generosidade histérica, já que esta não só procura a cura para si, mas também para o meio.” Assim, é possível pensar que esta constituição psicopatológica pode trazer à histérica e ao meio, não somente sofrimento, mas alguns ganhos decorrentes desta batalha incessante pelo amor.

Birman (2001) entende que na histeria há um aspecto de positividade que se estabeleceria enquanto um suporte de uma possível perenidade do desejo. A formação dos sintomas e toda a luta histérica se constituem de modo a não permitir que o desejo evanesça nem no psiquismo da histérica, nem no meio social.

No que tange ao êxito obtido pela histérica, Mannoni (1994, p. 87) observou em suas analisandas históricas que a cura para a patologia poderia ser alcançada quando estas obtinham um sucesso visivelmente reconhecido pelos outros. Isto porque, conforme o autor completa: “[...] o sucesso as livrava dos problemas, permitindo-lhes que se identificassem com elas mesmas. Elas são elas, quando têm sucesso”.

Ainda a respeito do sucesso, encontra-se em Freud presente uma definição que pode auxiliar na compreensão. Do ponto de vista tópico, em

*Psicologia das massas e análise do Eu* (1921/2011, p. 96), o mestre postula que: “há sempre uma sensação de triunfo quando algo no Eu coincide com o ideal do Eu”.

Sendo assim, entende-se que à medida que o ego se aproxima da adequação exigente da instância herdeira do complexo de Édipo – o ideal do ego, constituído por identificações – obtém uma sensação de satisfação. Compreende-se também, fazendo uma ligação com o raciocínio de Mannoni exposto acima, que na histeria, especificamente, esta sensação de triunfo torna-se possível quando obtém êxito em atividades visíveis, que são em geral, atividades sublimatórias, já que, conforme Laplanche e Pontalis (2014, p. 495) escrevem: “a pulsão é sublimada na medida em que é derivada para um novo objetivo não sexual e em que visa objetos socialmente valorizados”.

Sendo assim, mais uma vez acredita-se que estamos diante da sublimação como destino possível e saudável para a pulsão sexual, conforme Freud apresenta em *Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno* (1908/2015, p. 369) a seguinte definição: “Essa capacidade de trocar a meta originalmente sexual por outra, não mais sexual, mas àquela aparentada psicologicamente, chama-se capacidade de *sublimação*.” Assim, Freud expõe que no processo de sublimação ocorre uma transformação, isto é, o objetivo pulsional que antes era sexual, passa a não ser mais sexual, apesar de ainda estarem relacionados.

A sublimação é a forma de obter satisfação sexual, porém por uma outra via e sua atividade dependerá da constituição psíquica de cada sujeito, conforme Freud (1908/2015) postula: “a força original do instinto sexual provavelmente varia conforme o indivíduo; certamente oscila o montante que dele se presta à sublimação. [...] a constituição inata do indivíduo decide primeiramente o quanto do instinto sexual se revelará sublimável e aproveitável” (p. 369).

Nesta linha de raciocínio, a respeito da especificidade da sublimação para as mulheres, Kehl (2008, p. 214) escreve que esta passaria por uma “[...] intervenção da função paterna de um modo que possibilitasse a identificação, o ‘recurso estruturante’ à sua potência”. Se isto não acontecer, “[...] a mulher fica condenada à infantilidade de suas pretensões edípicas

sempre insuficientemente recalcadas; ou pior ainda, à fantasia de uma masculinidade que [...], permanece fixada ao desejo de obter não um falo, mas um pênis” (Freud, 1908/2015, p. 214).

Isto porque, conforme Mannoni (1994, p. 77) escreve: “A identificação com o pai, que separa da gravidez das imagens maternas, não se resolve na perda com a qual em geral conotam [...] as atividades simbólicas e sublimatórias”. E, este psicanalista complementa escrevendo que “uma atividade sublimatória [...] não tem sentido fora do endereçamento a um outro [...]” (Mannoni, 1994, p. 77).

Compreende-se que as atividades sublimatórias na histeria estão relacionadas com as identificações do sujeito e visam obter o reconhecimento do outro, como substituto das figuras edípicas. Hornstein (1990, p. 90) enfatiza que “na sublimação a obra é necessária [...]”, pois por meio dela o sujeito pode responder a seus próprios ideais, porém, buscando o reconhecimento do outro.

A respeito deste endereçamento da obra ao outro, Green (1994) oferece a compreensão de que:

[...] a necessidade de ser da obra de arte que implica seu reconhecimento por uma terceira pessoa sempre presente através de sua ausência, mesmo se a obra nunca for impressa, exposta ou ouvida, faz de seu destinatário a própria condição de sua existência (p. 246).

Deste modo, entende-se que a obra sempre parte das identificações narcísicas do sujeito, porém é entregue ao mundo externo, é endereçada a outro que não ao próprio sujeito, mesmo que ela nunca seja exposta.

Por esta via, o sujeito criativo, pode “[...] autoinvestir-se e reinvestir a realidade [...]” (Hornstein, 1990, p. 90), permitindo a integração do ego a partir de suas identificações, bem como a busca por transformações. E estas transformações egóicas, a partir dos ganhos obtidos com a atividade sublimatória, podem propiciar a cura, segundo Hornstein (1990) mesmo considera.

## A TRANSFORMAÇÃO

É possível compreender que o título deste item pode parecer um tanto amplo, principalmente porque tende a nos remeter a uma infinidade de possibilidades que a palavra transformação contém. Entretanto, acredita-se que essa infinidade de transformações é o que se obtém nos casos de histeria em que se consegue a satisfação pulsional pela via sublimatória. Sendo assim, convida-se o leitor a pensar em conjunto com a autora deste trabalho, a respeito do que se pode conseguir quando o investimento libidinal da histérica é voltado à atividades produtivas da cultura, que conseqüentemente, lhe trazem reconhecimento social. Eis, então, a dimensão positiva desta patologia.

Diante do acima exposto, lança-se a questão de que: seria possível pensar, a partir desta dimensão positiva, em uma possibilidade de cura?

Para discutir a este respeito, acredita-se necessário retomar ao entendimento freudiano em que, em sua clínica com mulheres foi percebido que o desejo pela superação da inveja do pênis pode levá-las a buscar análise e, durante o processo analítico, elas podem buscar uma atividade intelectual. Ao expor este movimento das mulheres, Freud propõe ser a atividade intelectual uma modificação sublimada do desejo reprimido. Esta constatação freudiana permite compreender que há saídas possíveis para o desejo que não somente a repressão e, a análise pode possibilitar que se encontre vias para isso.

Segundo Hornstein (1990), a noção de cura é, atualmente, “demoniizada” pela maioria dos psicanalistas; isto porque alguns deles aproximam o conceito de cura psicanalítica ao modelo médico. Hornstein (1990, p. 94) faz esta distinção e especifica que: “[...] se o objetivo médico é restabelecer um estado (que se supõe prévio) concebido como de não-doença, o objetivo analítico é produzir um estado que jamais existiu, senão em estado potencial”. Deste modo, entendo estar evidenciado que a análise pode ser uma ferramenta importante para o sujeito operar a transformação de potencial em atividade.

Este psicanalista entende ainda que esta transformação não ocorra de modo estático ou definitivo, já que: “[...] o jogo constantemente articulado

das exigências pulsionais explica que não podemos operar uma transformação sem intervir sobre o conjunto da vida psíquica. A transformação não pode ser efeito de uma intervenção isolada, mas sim inserida em um processo” (Hornstein, 1990, p. 95).

Deste modo, a transformação operada pelo processo de análise não pressupõe uma transformação pontual, mas sim, uma transformação que interfere no psiquismo do sujeito como um todo. Além disso, o psiquismo é dinâmico e, portanto, está em constante movimento, o que permite pensar que uma modificação obtida atualmente irá ocasionar consequências de modificação em diversas situações que ocorrerão futuramente ao sujeito.

Desta forma, conforme Freud postula, desde a escrita do famoso caso conhecido como *O Homem dos lobos* (1918/2010), a análise tem alguns limites diante da complexidade do psiquismo humano. Diante das perturbações mentais, o tratamento psicanalítico não fará uma “revolução instantânea” nem mesmo trazer a normalidade, mas “apenas eliminar os obstáculos e aplanar os caminhos, para que os influxos da vida possam obter um desenvolvimento em melhor direção” (Freud, 1918/2010, p. 156).

Fazendo uma ligação entre o entendimento freudiano de que a análise tem o objetivo de possibilitar que o sujeito supere os obstáculos e se desenvolva, e a exposição anterior de que, por meio do processo analítico, as mulheres podem superar a inveja do pênis pela via sublimatória, compreende-se que a análise pode ser uma importante ferramenta para a mulher conseguir a diminuição da tensão gerada pela formação dos pólos de conflito. Utilizando a psicanálise como ferramenta ou não tendo acesso a ela, pode-se concluir que a realização de uma profissão intelectual – podendo ser ampliada às outras atividades prazerosas de trabalho – se instala, conforme Freud mesmo observou, como uma forma modificada de obtenção do prazer à mulher, por trazer reconhecimento do outro.

A respeito do trabalho artístico e a satisfação do artista, Freud postula em *O interesse da psicanálise* (1913/2012, p. 358) que este campo do saber: “[...] vê também no exercício da arte uma atividade que objetiva a mitigação de desejos não realizados, inicialmente no próprio artista criador e depois no ouvinte ou no espectador”.

Deste modo, Freud (1913/2012, p. 359) considera que a produção artística pode ser uma forma do sujeito encontrar satisfação aos seus próprios desejos, e uma vez que a obra se torna pública, se estende à satisfação daqueles que a assistem. Neste sentido, o objetivo do artista é a libertação de seus desejos reprimidos e a permissão de que o espectador, que sofre dos mesmos desejos reprimidos se identifique e também se liberte. Porém, essa comunicação somente é possível ao tornar-se obra de arte quando os desejos passaram por uma transformação que: “[...] atenua o que houver de chocante nesses desejos, que esconda sua origem pessoal e ofereça aos outros, com a observância das regras da beleza, sedutoras prendas de prazer”.

Acerca disto, Green (1994 p. 246) escreve que: “o olhar sobre a obra é o seu verdadeiro pai, enquanto a torna legítima e reconhece o outro progenitor que é seu criador imanente. É esse deslocamento transferencial que pertence duplamente à obra”. Assim, a obra é mediadora da comunicação entre desejo do artista e espectador impactado.

Pelo exemplo da estilista Coco Chanel, pode-se compreender que seu sucesso se deve, em grande parte, ao fato de ela ter podido realizar criações que atingiam as necessidades femininas do início do século XX. E, à medida que as décadas se passavam, ela conseguia compor vestimentas que se atualizavam diante das mudanças históricas e culturais.

É neste sentido que a pesquisadora entende que em Chanel se opera a transformação. Pela via do trabalho criativo, a estilista conseguiu não apenas satisfação pulsional, mas também gratificar a si mesma e ao meio com o reconhecimento social que obteve. Ao final deste trabalho, encontram-se algumas fotografias com modelos criados por Chanel e que denotam essa transformação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No caso de Chanel, o investimento libidinal deficitário foi, preponderantemente, decorrente da figura masculina, isto é, o abandono vivido pela ausência do pai pode ter trazido como consequência sua dificuldade no

estabelecimento dos relacionamentos afetivos, porém, também lhe trouxe a possibilidade de construir diversas personagens femininas a partir das roupas e dos acessórios que compunha.

Freud escreve em *Análise terminável e interminável* (1937/1996), que tanto o desejo feminino por um pênis quanto o repúdio à feminilidade nos homens se relacionam com o complexo de castração e, neste sentido, Freud atenta que é tarefa hercúlea (e talvez sem sentido) ao psicanalista persuadir uma mulher a abandonar seu desejo por um pênis ou convencer um homem de que uma atitude passiva não significa, necessariamente, a castração.

De acordo com a interpretação do psicanalista Joel Birman (1999, p. 11) a respeito da postulação freudiana: “se o mundo se constitui para o *eu*, nas individualidades, pelo horizonte desenhado pelo falo e pelo narcisismo, a dissolução da ordem fálica coloca em questão as nossas crenças mais fundamentais”. Eis a dificuldade da tarefa psicanalítica.

Chanel teria sido marcada por um destino de menina órfã e sem sobrenome aristocrata, situada no contexto histórico e social europeu do final do século XIX, início do século XX. Porém, com seu espírito de batalha para conseguir o triunfo do amor sobre o ódio e sobre o tédio, transforma seu destino em triunfo, oferecendo um certo caráter otimista às outras gerações de homens e mulheres quanto à possibilidade de investimento libidinal em transformações voltadas a si, mas que também são estendidas ao meio e trazem recompensas.

## REFERÊNCIAS

- Alonso, S. L., & Fuks, M. P. (2004). *Histeria*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Aulagnier, P. (1979). *A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Birman, J. (1999). *Cartografias do feminino*. São Paulo, SP: 34.
- Birman, J. (2001). *Gramáticas do erotismo: a feminilidade e suas formas de subjetivação em Psicanálise*. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira.

- Freud, S. (1996). Análise terminável e interminável. In S. Freud, *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, Trad.) (Vol. 23, pp. 231-270). Rio de Janeiro, RJ: Imago. (Obra original publicada em 1937).
- Freud, S. (2010). História de uma neurose infantil (O homem dos lobos). In S. Freud, *Freud - Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 14, pp. 13-160), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1918)
- Freud, S. (2010). O mal estar na civilização. In S. Freud, *Freud - Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 18, pp. 13-122), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada 1930)
- Freud, S. (2011). Psicologia das massas e análise do Eu. In S. Freud, *Freud - Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 15, pp. 13-113), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1921)
- Freud, S. (2012). O interesse da psicanálise. In S. Freud, *Freud - Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 11, pp. 328-363), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1913)
- Freud, S. (2013). Cinco lições de psicanálise. In S. Freud, *Freud - Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 9, pp. 220-286), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1910)
- Freud, S. (2015). Moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno. In S. Freud, *Freud - Obras Completas* (P. C. de Souza, Trad.) (Vol. 8, pp. 359-389), São Paulo, SP: Companhia das Letras. (Obra original publicada em 1908)
- Green, A. (1994). *O desligamento - Psicanálise, Antropologia e Literatura*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Hornstein, L. (1990). *Cura psicanalítica e sublimação*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Israël, L. (1995). *A histérica, o sexo e o médico*. São Paulo, SP: Escuta.
- Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Laplanche, J. (1992). *Novos fundamentos para a psicanálise*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Laplanche, J., & Pontalis, J. B. (2014). *Vocabulário da Psicanálise* (4a ed.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Mannoni, O. (1994). A desidentificação. In A. Roitman (Org.), *As identificações na clínica e na teoria psicanalítica* (pp. 171-200). Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.
- Mayer, H. (1989). *Histeria*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Nasio, J.-D. (1991). *A histeria: teoria e clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- Schaeffer, J. (2005). Histeria. In A. Mijolla, *Dicionário internacional da psicanálise: conceitos, noções, biografias, obras, eventos, instituições* (pp. 880-881). Rio de Janeiro, RJ: Imago.